

A formação identitária do negro no interdiscurso: índices de preconceito

Eduardo Alves da Silva¹

ORCID: 0000-0001-7626-1504

Resumo: Considerando a Análise do Discurso, propomos neste artigo analisar a formação da identidade negra em diversas situações envolvendo preconceitos em função da linguagem utilizada. A caracterização da imagem no negro no interdiscurso parece se constituir de uma pluralidade de sentidos, que se estende desde a leitura imediata às várias vozes discursivas, até uma espécie de concretização em sua manifestação circunstancial levando em consideração aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos. Através da *etnolinguística*, braço da linguística que se preocupa com grupos étnicos, e baseado numa metodologia indiciária (GINZBURG, 1989), propomos entender como a simbologia do negro é fundamentada numa série situações conceituais intermediadas pela linguagem.

81

Palavras-Chave: paradigma indiciário. análise do discurso. identidade negra. racismo.

¹ Doutor em Estudos da Linguagem, Mestre em Estudos da Linguagem, graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002). Especialista em Libras pela Faculdade Estácio de Natal (2012). Atualmente é professor de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação de Parnamirim. Tem experiência na área de Educação, Didática e ênfase em Linguística Cognitiva. Possui interesse na área da Linguística.

Abstract: Considering Discourse Analysis, we propose in this article to analyze the formation of black identity in several considerations about the function of the language. The characterization of the black image seems to be constituted in a different way in several senses, which extend from a kind of diversity of discursive voices. Through ethnolinguistics, the branch of linguistics that is concerned with ethnic groups, and based on an evidential methodology (GINZBURG, 1989), we propose to understand how the symbology of black people is based on a series of conceptual situations mediated by language.

82

Keywords: indiciary paradigm. speech analysis. black identity. racism.

Resumen: Teniendo en cuenta el Análisis del Discurso, proponemos en este artículo la formación de la identidad negra en diferentes situaciones que involucran prejuicios debido al lenguaje utilizado. La caracterización de la figura del negro en el interdiscurso parece consistir en una pluralidad de significados, que se extiende desde la lectura inmediata de las diversas voces discursivas hasta una especie de concreción en su manifestación circunstancial, teniendo en cuenta aspectos sociales, económicos, culturales y políticos. A través de la etnolingüística, rama de la lingüística que se ocupa de las etnias, y con base en una metodología evidencial (GINZBURG, 1989), nos proponemos comprender cómo la simbología de los negros se sustenta en una serie de situaciones conceptuales mediadas por el lenguaje.

83

Palabras clave: paradigma indiciário. análisis de discurso. identidad negra. racismo.

Introdução

A formação identitária do negro na sociedade apenas pode ser vista dentro de um contexto específico que possui determinância relativa a seu papel no entorno. Guimarães (1999) afirma que as peculiaridades e características relativas a cor e a raça, mesmo sendo atributos biológicos, apenas fazem sentido quando entendidas como construções discursivas e ideológicas.

Tal afirmação implica na assunção do protagonismo que as pessoas têm diante de uma sociedade socioculturalmente situada, no caso específico do qual este artigo visa versar, o homem negro. Ainda, sob a mesma perspectiva levantada por Guimarães (1999), podemos entender que a linguagem também determina uma interpretação e formação de sentido em relação à construção de uma identidade própria.

Através de uma pesquisa qualitativa e básica (CASELL; SYMON, 1994), usando como metodologia o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e analisando o discurso apresentado em várias situações envolvendo o negro, buscamos neste artigo compreender a formação de sentido não apenas da identidade formada a partir do discurso, mas entender seu posicionamento na sociedade atual.

Iniciamos trazendo as noções da análise do discurso para uma melhor fundamentação do percurso epistemológico. Nesta seção mostramos a importância da análise do discurso na formação de sentido da identidade do negro nas situações que estão expostas no corpo do texto.

Posteriormente fazemos uma análise polissêmica das mais diversas situações retiradas da internet baseadas na análise do discurso. Finalmente embasamos as escolhas de análise em função do paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Dinamicidade discursiva e sua análise

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que a Análise do Discurso se preocupa e leva em consideração *inputs* e *outputs* que vão além do que o texto apresenta em sua superfície, mais do que aparentemente se coloca diante do óbvio. Em outras palavras, vai além da análise do conteúdo e perpassa até a análise do discurso propriamente dita, considerando o que está além da linguagem.

À análise do discurso importam as relações plurifacetadas entre os discursos e as relações ideológicas, inclusive, do que não foi dito na superfície do texto. Essas relações se estendem não apenas entre o dito e o não dito, mas entre os sujeitos, vozes do texto, interdiscurso, formações discursivas e ideológicas e seu papel na sociedade num contexto e momento histórico-político específicos. Cabe ao analista considerar todas essas variáveis quando se propõe a analisar o discurso. Sobre a dinamicidade da linguagem, Luciana Leão Brasil afirma que:

A linguagem não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais com os estudos discursivos. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável (BRASIL, p.172, 2011).

Do mesmo modo, o próprio negro e sua ação social devem ser analisadas sob as mesmas premissas. As muitas formas pelas quais o discurso se apresenta nos textos da sociedade necessitam que o analista leve em consideração não apenas o que está dito nas palavras e na semiose dos textos, mas também nas relações ideológicas, sociais, temporais e políticas a que elas se referem. O discurso nunca está acabado e pronto de significado. As formações discursivas sempre remetem a um prisma ideológico, político e social e está sempre em movimento. Os sujeitos mutantes do discurso trazem à luz do debate representações e impressões individuais sobre si e sobre as coisas do mundo, e não apenas isso: também de seu interlocutor e do assunto abordado (BRASIL, 2011).

Castells (1999) traz um apanhado interessante da forma como se deve pensar a construção identitária negra. O autor elenca três movimentos epistemológicos: a identidade legitimadora, de resistência e de projeto. O primeiro deles, segundo o autor, é determinado por instituições de resistência, que reforçariam não apenas o preconceito, mas a submissão geral do negro. A identidade de resistência, para Castells, é determinada pela condição social e sua resistência à máquina opressora. Finalmente o autor apresenta a identidade de projeto, na qual o negro, baseado em seu repertório cultural, constrói novas identidades e reformula as previamente existentes. Dessa forma ele redefiniria seu *locus* e se projetaria no percurso na esterificação social.

Acreditamos que cada uma das identidades apresentadas por Castells (1999), pode ser considerada na manifestação do discurso e além: no interdiscurso. O interdiscurso, se constrói além do sujeito, além da mera concretização discursiva.

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Pêcheux e Fuchs (1997) acreditam, por sua vez, que uma formação ideológica perpassa o discurso e se concretiza nos elementos não discursivos, socioculturalmente situados.

O ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio interior desta formação discursiva: ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 168).

Dessa forma, conforme pensa Castells (1999), a formação da identidade e construção de sentido do negro perpassa, necessariamente, sua concretização até mesmo fora de sua esfera discursiva, engendrando-se em formações ideológicas e socioculturais, que determinam o lugar polissêmico do negro na sociedade.

Nesse sentido, a beligerância por uma afirmação de face positiva das identidades coletivas, em especial do negro, pode se construir nos muitos aportes multiculturais, da mesma forma como se aprofunda nos processos específicos de formação de unidades identitárias únicas como a identidade negra (CANEN; ASSIS, 2004).

Análise: uma miríade de possibilidades

A análise das situações apresentadas nesta seção dá conta de uma atividade multicultural focada na questão identitária e de formação de sentido do negro na sociedade. A atividade apresenta uma série de textos/imagens evidenciando uma convergência para o debate a respeito do negro em muitos contextos e situações diferentes. Elas conversam com vários discursos relacionados à agenda antirracista e de preconceito. As análises parecem deixar clara a perspectiva antirracista defendida pelo multiculturalismo crítico (CANEN, 2000; 2002),

Na imagem 1 (Etnolinguística²), temos a interpretação não apenas de uma vertente linguística, a etnolinguística, mas outras formações discursivas como o debate racial e o caso Marielle Franco. Marielle Franco foi uma socióloga e política que faleceu em circunstâncias que estavam ligadas a razões políticas, raciais e ideológicas. Quanto à etnolinguística, podemos dizer, neste excerto específico, ajuda a construir a identidade de Marielle Franco socioculturalmente e politicamente situada no Brasil atual, considerando, inclusive as consequências de seu assassinato.



O que vemos no discurso da imagem 1 é a presença do interdiscurso e de informações que vão além do que está na superfície do texto. É preciso ir além de suas sentenças fechadas linguisticamente e situá-la no tempo e no espaço, como estrutura volúvel que está à mercê das variáveis ideológicas, políticas e inserida contextualmente no tempo. Seria impossível o analista compreender totalmente o texto sem conversar com as muitas vozes do texto e suas condições de produção. Sobre isso, Pêcheux (1969) afirma que:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, pois é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (PÊCHEUX, 1969, p. 79).

² Etnolinguística é um ramo da linguística que toma como prioridade e objeto de estudo situações levando em consideração a relação entre língua e cultura das pessoas e como os diferentes grupos étnicos percebem o mundo.

Portanto, para compreender esse texto, é preciso entender as formações discursivas que perpassam a análise da imagem 1. É necessário perceber muitos discursos que estão presentes aí: o discurso racista, discurso dos milicianos, discurso do empoderamento feminino, discurso da militância de esquerda, entre tantos outros.

A imagem 2 (O Atraso) nos traz um texto sobre o atraso de se ainda aceitar o racismo e as consequências de sua difusão. Não apenas isso, o texto traz um sem-número de formações discursivas e ideológicas que permeiam sua estrutura no interdiscurso. A própria autora, em seu blog, admite que é negra, militante e antifascista, o que já deixa claro o que Foucault (1997) advoga sobre a Análise do Discurso: para compreender o discurso é preciso inseri-lo dentro de um espectro político e ideológico.

Imagem 2 – O atraso

O atraso

por Mara Emília Gomes Gonçalves | nov 29, 2019 | Blog

Existem assuntos que são desconfortáveis, uma ferida, e nestes casos o melhor é cuidar antes de estourar.

Na semana anterior não foi possível escrever, mas outros veículos produziram textos, palestras, audiências, matérias jornalísticas sobre a o dia da consciência negra e, por conseguinte, trataram do racismo nosso de cada dia.

“— Pai, afasta de mim esse cálice.”

Na maioria dos casos, a voz que ecoava o discurso de luta antirracista produz, consolida e reproduz ao longo dos outros dias do ano práticas que consolidam preconceitos contra a população negra, tudo feito com discrição e muito conhecimento.

De tal forma que confesso a minha pouca ou nenhuma vontade de escrever naqueles dias mais próximos, porque não queria minha voz sobrevivente e minúscula perto da Casa Grande.

“— Afasta de mim esse cálice.”

Escrever sobre racismo é um texto que se inicia, e não se conclui, que escrevemos três linhas, e apagamos trezentas, porque na ânsia de denunciar tais atos queremos encontrar uma fórmula de destruir tais memórias, e seguir.

Cada ato que trouxesse para o texto ocultaria pelo menos outros cem, diários, que é como se comporta o racismo, vai ampliando em efeito onda, e cada explicação e contorno do

Fonte: <https://blogdogeraldi.github.io/2019/11/>. Acesso em 15/05/2022.

O texto, sim, irrompe dentro de um contexto ideológico e social pois o homem é um ser político (ARISTÓTELES, 1994). Nas linhas do texto vemos também frases que referenciam a fala de Jesus sobre o pesado fardo que ele tem que carregar pelo pecado e a fala de Chico Buarque e Gilberto Gil sobre a música Cálice, cuja letra diz “afasta de mim esse cálice”. Em ambas as situações temos vieses políticos e ideológicos. Jesus, por se referir ao martírio que é morrer pelos

homens e Chico e Gil a se referirem à censura e violência da ditadura. A autora traz esses trechos no sentido de aproximá-los da luta negra por igualdade e da luta antirracista que apenas “atrasa” o ser humano.

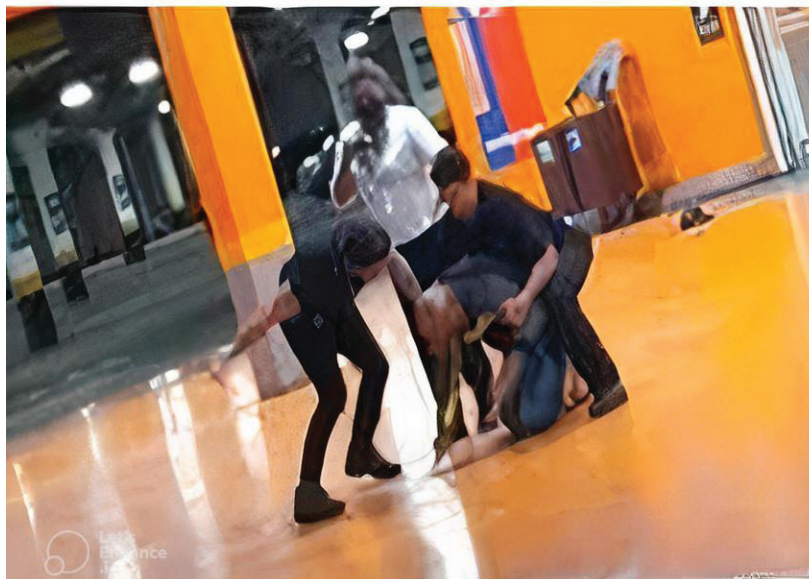
A imagem 3 (George Floyd) traz muitos elementos semióticos imagéticos e pouquíssimo texto, o que nos dá evidência que o discurso não necessariamente é feito apenas por linhas e frases linguísticas. “Um enunciado pode ser além de palavras ou frases, símbolos, imagens, gráficos, organogramas, desenhos etc.” (CHASKO; DIONET, 2017, p.21). O caso refere-se a um homem negro chamado George Perry Floyd, que morreu no estado de Minnesota nos Estados Unidos por razões meramente raciais em maio de 2020. Tal caso acendeu o debate e a militância nos últimos meses acerca do racismo. Charaudeau e Maingueneau (2012) admitem que o sujeito possui uma postura crítica e sua posição de interlocutor desempenha papel fundamental na interpretação das formações discursivas. No caso específico, o conhecimento de mundo sobre o que se passou com George Floyd pode contribuir decisivamente para o entendimento da fotografia. O mesmo ocorre para a imagem 4 (homem morre no Carrefour). O caso refere-se a João Alberto Silveira, morto em novembro de 2020 no estacionamento de um supermercado por espancamento. A análise desse discurso segue caminhos parecidos em relação aos da imagem 3. Foram crimes sensivelmente parecidos e de reverberações políticas e ideológicas semelhantes. O que agrava a situação foi que o crime ocorrido na imagem 4 ocorreu na véspera do dia da consciência negra, o que fomentou ainda mais o debate sobre o tema.

Imagem 3 – George Floyd



Imagem 4 – Homem morre no Carrefour

Homem negro morre após ser espancado



No que tange a imagem 5 (Música Boa Esperança) temos dessa vez uma música do *rapper* Emicida, conhecido por sua postura política e militância a favor da agenda antirracista. A essência do texto é a discriminação racial e o preconceito. A letra da música apresenta uma miríade de possibilidades interpretativas e possui várias formações discursivas e ideológicas permanentes em sua constituição.

90

Imagem 5 – Música Boa Esperança

Boa esperança

(Emicida)

Por mais que você corra, irmão
Pra sua guerra vão nem se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu eles chorar pela cor do orixá?
E os camburão o que são?
Negreiros a retrafficar
Favela ainda é senzala, Jão!
Bomba relógio prestes a estourar

O tempero do mar foi lágrima de preto
Papo reto como esqueletos de outro dialeto
Só desafeto, vida de inseto, imundo
Indenização? Fama de vagabundo
Nação sem teto, Angola, Keto, Congo, Soweto

O autor referencia a escravidão no Brasil, a cultura africana, o preconceito contra a raça negra e uma série de outros discursos que compõe a lírica da música. O músico traz o discurso ao debate e Orlandi (2009) justamente afirma que o discurso é este local de debate. As formações discursivas na música constituem um organismo parafrástico no qual os discursos são retomados e ressignificados.

Os sentidos vão se estabelecendo através de já ditos ou já construídos, ora retomando discursos em forma de paráfrase e reproduzindo sentidos, ora em uma disputa acirrada de efeitos discursivos (SOARES, 2007, p. 183).

Finalmente em relação à imagem 6 (Joaquim Barbosa), o texto apresenta poucos elementos aparentes, no entanto, de alto teor ideológico, político e subjetivo. A mera apresentação do ex-ministro Joaquim Barbosa já traz para o debate a questão do racismo e toda a agenda da luta racial. Joaquim Barbosa não apenas foi um jurista, mas também ocupou um cargo extremamente influente e importante na conjuntura brasileira: a de presidente do supremo tribunal federal.

Imagem 6 – Joaquim Barbosa



Outro texto que vem acompanhando sua foto é a legenda que diz “Líderes brasileiros negros que atuaram ou estudaram em universidades americanas”. Este discurso nos apresenta outro debate político-ideológico que pode incluir a

meritocracia, abismo social, pobreza, discriminação, poder e influência. Vemos novamente várias formações discursivas e ideológicas na constituição desse texto, o que deve ser considerado para o entendimento sempre dinâmico do discurso.

Concluindo, vemos que o entendimento do texto deve levar em consideração muito mais do que a superfície do que ele expõe. Ele deve ver o que está “por trás” dos enunciados, levando em conta suas condições de produção que podem incluir tanto aspectos ideológicos quanto políticos. O texto é processo, não produto. Deve ser considerado em sua dinamicidade e nunca estacionário com sentido dado, pois está sempre em movimento. O sentido das palavras nessa dinamicidade depende daqueles que as empregam.

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2009, p. 424).

Ainda, o comando da questão pede que se leve em consideração a metodologia da Análise do Discurso. Quanto a isso, podemos dizer que os métodos utilizados na AD são essencialmente dinâmicos, pois dinâmica é a natureza do discurso. As formações discursivas estão imbricadas às formações ideológicas. Isso nos direciona a uma concepção dinâmica de método que deve se adequar à natureza fluida do discurso. É uma espécie de jogo entre a produção linguística e a materialidade histórica.

O método de análise da Análise do Discurso, diferente de outras “metodologias” de pesquisa, tem princípios bastantes inovadores, calcados num jogo que se estabelece entre a produção linguística e a materialidade histórica, buscando as rupturas e os lapsos dos textos (orais e escritos), os quais não são inocentes, uma vez que a própria produção textual é a atuação da ideologia em sua relação com o inconsciente – o sujeito (BARROS, 2015, p.2)

Dessa forma vemos que a imagem do negro no percurso das imagens de 1 a 6 nos remete a uma imagética amplamente ligada à luta da agenda antirracista. Essa pauta tão importante irrompe em cada imagem de forma que é a partir desse debate sobre preconceito e racismo que parece que a prática do interdiscurso se materializa. A essência dos textos é amplamente lúdica pois permite as muitas constituições das formações discursivas durante suas análises.

Fundamentação indiciária

Como mencionado, a imagem do negro no percurso das imagens e textos de 1 a 6 mostram não apenas a apresentação étnica da raça negra, mas uma série de outros discursos que perpassam sua emergência. Apesar da evidente diferença de constituição imagética de cada uma delas, existe muito em comum entre todas no que diz respeito essencialmente aos discursos de resistência, antirracista, agenda de luta da raça negra, preconceito etc. O que o recorte nos traz é, basicamente, as muitas formas de representatividade pelas quais o negro se insere na sociedade em sua busca por direitos, igualdade e tratamento livre de preconceito e racismo. No entanto, vale salientar que os discursos nas imagens não são os únicos presentes na pluralidade de sua emergência. Nelas também podemos observar o discurso de violência contra a mulher, representatividade feminina, inclusão, criminalidade e uma série de outras formações discursivas e ideológicas que perpassam esse recorte. Os indícios que levam a essa interpretação são evidentes a partir de pistas discursivas que seus autores deixam, as quais apresento a seguir. Seguindo uma metodologia calcada no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), elenco alguns indícios do exposto nas análises e a favor de seus argumentos.

Carlo Ginzburg (1989), no final do século XX, propõe um sistema epistemológico que ele chama de paradigma indiciário, segundo o qual alguns princípios e procedimentos levam a um método heurístico que lança luz sobre as minúcias e detalhes. A partir desses dados considerados marginais e residuais (ou indícios) a metodologia do analista toma substância. Para o escopo do paradigma indiciário, devemos procurar pistas e indícios desde os mais evidentes até os menores, de forma até mesmo não convencional, buscando evidências em características que normalmente poderiam ser ignoradas ou negligenciadas. Sobre isso o próprio Ginzburg (1989) pontua:

É preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés (GINZBURG, 1989, p. 144).

Do mesmo modo podemos aplicar o método indiciário no percurso da análise das imagens de 1 a 10. As muitas vezes que perpassam o interdiscurso apresentado no recorte não apenas nos levam a interpretações muito substanciais, como também a outras conclusões a partir de indícios menores apresentados nas imagens.

Na imagem 1, a saber, precisamos ir além dos ditames e pressupostos da etnolinguística. O que evidenciamos como pistas de que a imagem 1 nos remete a outras formações discursivas e ideológicas é a imagem de Marielle Franco, que nos direciona a pautas como representatividade feminina, racismo, violência contra a mulher, política, milícias assassinas do Rio de Janeiro e outras. Já na imagem 2 do texto “Atraso” de Mara Emília Gomes Gonçalves, temos também contribuições importantes se levarmos em consideração o paradigma indiciário. Segundo a metodologia do paradigma, é preciso levar em consideração informações que não estão aparentes no discurso. No texto “atraso”, além das várias referências a outros discursos (Gilberto Gil, Chico Buarque, a fala de Jesus Cristo etc.), temos a informação externa de que a autora, além de negra, é também militante e ativista da agenda de luta em prol da voz da raça negra conforme vemos na imagem 7.

Imagem 7 – Mara Emília Gomes Gonçalves

Mara Emília Gomes Gonçalves

Professora, militante, escritora

Mara Emília Gomes Gonçalves é formada em Letras pela Universidade Federal de Goiás.

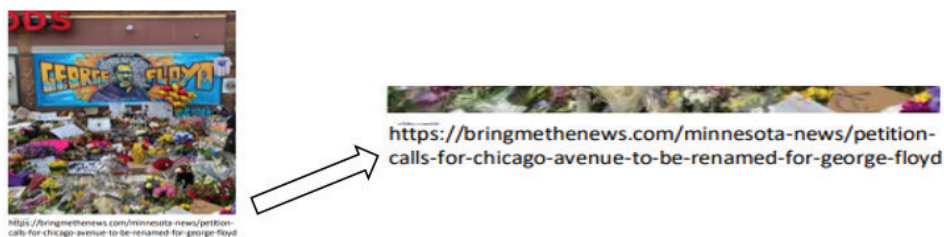
Gestora escolar, professora, militante, feminista, negra. Excelente leitora, escritora irregular.

Acompanhe-a também em seu blog: [LEITURAS POSSÍVEIS](#).

Fonte: <https://blogdogeraldi.github.io/autores/>

Estas informações não são apresentadas ao interlocutor de forma imediata, sendo preciso um procedimento venatório para chegar a essas conclusões. Nas imagens 3 e 4, que falam da morte de George Floyd e João Alberto, temos visões semelhantes, pois investigamos indícios para chegarmos à conclusão de que ambos os textos estão ligados a assuntos de preconceito e racismo e que ganharam grande repercussão. No caso específico da imagem 3, logo abaixo da foto estilizada de George Floyd, temos no próprio corpo do hiperlink (imagem 8) a pista de que a população está revoltada e sensibilizada pela morte brutal do homem.

Imagem 8 - Índices

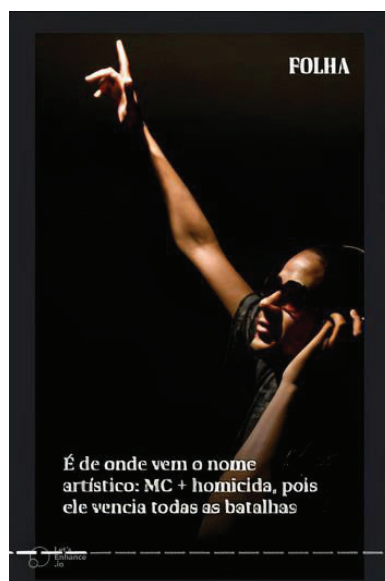


Na imagem, em tradução livre, temos “*petição clama para que avenida seja renomeada em homenagem a George Floyd*”. Esta informação é sutil e normalmente é colocada em segundo plano ou nem mesmo considerada quando se observa uma imagem como essa, nessas circunstâncias. No entanto, a partir de um prisma indiciário, devemos ir além do que está óbvio e buscar nos pequenos indícios as formações discursivas.

Sobre a imagem 9 (Boa Esperança), o que valida sua interpretação no tocante à presença de várias formações discursivas ligadas ao negro é, além do próprio *rapper* Emicida ser seu compositor, são os detalhes e indícios outros. O corpo da música está repleto de outros discursos de uma sorte bastante extensa. O próprio nome do *rapper*, Emicida, diz respeito à integração de MC + Homicida. Segundo ele próprio, esse nome denota que ele teve de “matar” muitos obstáculos para chegar a seu sucesso por ser negro e pobre e por ganhar suas “lutas” de rimas com outros *rappers* no início de sua carreira.

95

Imagem 9 – Emicida

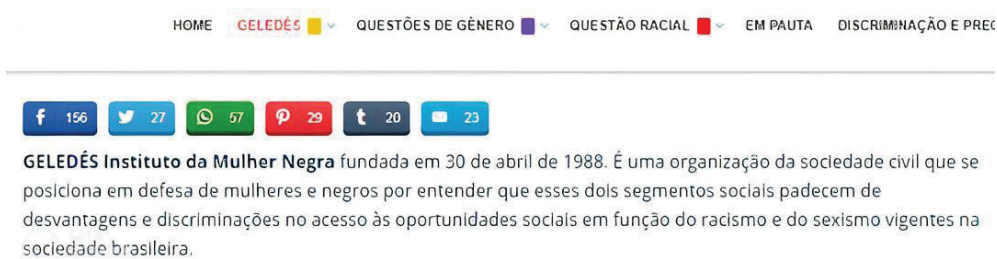


Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/07/quem-e-o-rapper-emicida/>

Estes são indícios que não estão claramente observáveis na superfície do texto, o que leva o analista do discurso a buscar outras pistas e detalhes.

Finalmente, na imagem 6 temos o recorte de Joaquim Barbosa sobre uma matéria a respeito de pessoas negras que estudaram em universidades americanas e que possuem bastante projeção, destaque e importância na sociedade. Fossem apenas essas as informações observáveis já teríamos ideia do discurso relacionado ao negro de maneira geral. No entanto são os outros indícios menores, buscados de forma venatória, que sedimentam a compreensão sobre o discurso de militância e luta a favor do negro e contra o racismo. A matéria em questão foi lançada pelo *site* do instituto Geledés (imagem 10), conhecido publicamente por ser fundado sobre bases da agenda do povo negro. O instituto foi fundado em 1988 e, desde então, apenas se dedica à defesa da mulher e do negro.

Imagem 10 – Site do instituto Geledés



Fonte: <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>

O próprio nome do instituto (e do *website*), Geledés, faz referência a uma sociedade feminina de caráter religioso Iorubá que expressa o poder, fertilidade e bem estar feminino sobre a terra.

Dessa forma, vemos que os muitos discursos presentes no recorte das imagens de 1 a 6 estão ligados de forma lúdica e aberta aos discursos em favor da raça negra, antirracismo, preconceito e outros. O que dá cabimento a esse tipo de interpretação, além do exposto no interdiscurso, são as pistas, indícios e pormenores que encontramos ao aplicarmos um prisma indiciário durante a análise.

Conclusões

Vimos através de uma metodologia qualitativa e indiciária, baseada no paradigma de Carlo Ginzburg (1989), a formação da identidade polissêmica do negro na sociedade. Primeiro apresentamos noções introdutórias sobre análise do discurso fundamentando sua escolha em função de um entendimento da construção de sentido do texto.

Posteriormente analisamos situações que trabalham a questão da interdiscursividade e as várias possibilidades interpretativas promovidas por este mecanismo. Vimos que o discurso e as muitas vozes presentes nas situações ajudam a construir uma identidade negra que, no atual contexto da sociedade, mostra-se eivada de preconceitos e questões antirraciais.

Deste ponto em diante, fundamentamos as escolhas analíticas em função do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), segundo o qual o analista encontra pistas que guiam sua interpretação sobre determinado fenômeno. No caso específico deste artigo, a construção de uma identidade racial negra.

O que concluímos é que a concretização de uma identidade cultural negra perpassa necessariamente por suas manifestações social, cultural e política, sem as quais não seria possível ter uma dimensão substancial de seu sentido. Essa identidade cultural é percebida através de índices (ou indícios) de preconceito, que se manifestam nas muitas pistas deixadas no discurso. Tais índices nada mais são do que as próprias ações nocivas e preconceituosas evidenciadas nas situações apresentadas neste artigo como a violência, a ojeriza e a intolerância pela mera cor da pele. É a partir da situação do negro em determinado contexto e mediado pela linguagem, sendo ela verbal ou semiótica, é que o sentido parece emergir. É na consideração do interdiscurso e das muitas vozes reverberantes no texto que a identidade cultural surge, evidenciando indícios para o irromper de uma fala de resistência, tão necessário no atual panorama mundial.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro IV, 3, 1005b apud FARIA, Maria do Carmo B. de. *Aristóteles: a plenitude como horizonte do ser*. São Paulo: Moderna, 1994.

ASSIS, Marta Diniz Paulo de and CANEN, Ana. Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo. *Cad. Pesqui.* [online]. 2004, vol.34, n.123

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva. In: *Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 73-95.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*. UFG campus catalão, v.15, no. 1, 2011.

CANEN, Ana. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. *Cadernos de Pesquisa*, n.111, p.135-150, dez. 2000.

_____. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.) *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002. p.174-195.

CASELL, Catherine; GILLIAN, Symon. *Qualitative Methods in Organizational Research: A Practical Guide*. London: Sage, 1994.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHASKO, Jonathan; DIONET, Alcemar. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, Bahia, v. 5, n. 1, 2017

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-179.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. O estranho

espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean- Jacques. **Análise do discurso político** – o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos (SP): EdufScar, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Péricles Cunha. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, MICHEL . **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. [Trad. Eni P. Orlandi et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. O discurso jornalístico e seus rituais. **Revista ECOPOS**, Rio de Janeiro: v. 10, n. 2, jul/dez, 2007

Websites Consultados

BLOG DO GERALDI. <https://blogdogeraldi.github.io/autores/> - acesso em: 22/11/2020

SITE DA FOLHA. <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/07/quem-e-o-rapper-emicida/> - acesso em: 22/11/2020

INSITUTO GELEDÉS. <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/> - acesso em: 22/11/2020

Obras Consultadas E Não Referenciadas

DENZIN, Norman Kent.; LINCOLN, Yvonna Sessions. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.